



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

(EIXO FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL: o trabalho profissional de assistentes sociais)

**As mediações do olhar e do ouvir que constituem o cotidiano profissional: qual o lugar da poesia no dia a dia da assistente social?**

Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe refletir sobre o lugar da poesia no cotidiano profissional das assistentes sociais. O trabalho objetiva aprofundar o conceito do “estado poético” conectado nas ações cotidianas do “olhar e do ouvir ao outro” desta categoria. Trata-se de artigo constituído a partir de metodologia de pesquisa bibliográfica para aprofundamento e exploração do objeto proposto. Na conclusão, faz-se associação do tema com o código de ética sobre a ótica das atitudes de indignação, revolta e o espírito de liberdade, atributos tão importantes no abraçar do projeto societário proposto pela profissão.

**Palavras chaves:** poesia; cotidiano; assistentes sociais; olhar; ouvir.

**Abstract:** This article proposes to reflect on the place of poetry in the daily professional lives of social workers. The work aims to deepen the concept of the “poetic state” connected to the everyday actions of “looking and listening to others” in this category. This article is based on a bibliographical research methodology to deepen and explore the proposed object. In conclusion, the theme is associated with the code of ethics from the perspective of attitudes of indignation, revolt and the spirit of freedom, attributes that are so important in embracing the corporate project proposed by the profession.

**Keywords:** poetry; everyday life; social workers; looking; listening.

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos se questionarão, ao fazer a leitura deste título, sobre uma palavrinha que parece nova ou, minimamente desconhecida, quando se trata de assuntos voltados a rotina ou ao dia a dia de trabalho da profissional assistente social<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Assistente social da Prefeitura Municipal de Sorocaba e perita social judicial pela Justiça Federal da 3º Região-SP. Mestre em Serviço Social pela PUC-SP-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: julianasejuv@gmail.com

<sup>2</sup> Em toda a extensão da narrativa escrita deste artigo utilizar-se-á o artigo definido indicativo do feminino “a” ou “as” antes ao termo assistente social para se referir as profissionais desta categoria que têm se manifestado predominante ocupada por pessoas do sexo feminino. Em nossa análise, serão a maioria das leitoras que terão acesso ao presente artigo, que procurará assim, respeitar e se tornar acessível, confortável, inclusivo e adaptado em linguagem feminina. A última pesquisa do CFESS (Conselho Federal de Serviço Social) sobre o perfil de assistentes sociais brasileiras apontou um total de 41.083 profissionais (92,92%) que se identificam com o sexo feminino, enquanto 3.083 dos participantes pesquisados, ou seja, apenas 6,97%, têm identificação com o sexo masculino. São



Pois bem, é preciso esclarecer nesta introdução que a palavra “poesia” aqui mencionada não estará diretamente associada ao seu sentido mais puro ou literário como: a arte de compor ou escrever versos livres ou metrificados, compor rimas, gerar harmonia entre sons, ritmos, palavras e imagens.

Não é sobre habilidades ou competências a serem desenvolvidas pelas profissionais do campo do serviço social para que possam introduzir em suas rotinas, além da escrita de relatórios técnicos, laudos, encaminhamentos entre outras formas de registros rotineiros, alongados versos sonetos, poemas, músicas ou outras formas de manifestações de cunho poético artístico, ou tornarem-se artistas, poetas. Definitivamente, este artigo não tratará sobre isso.

Assim, mediante algumas “não - associações” iniciais na tentativa de explicar o que não se quer dizer quando se escolhe essa palavrinha tão bela no título deste artigo, pode-se agora pensar: por que mencioná-la na largada e ainda, em forma de explícita afirmação e não pergunta, algo que poderia provocar as leitoras a possibilidade de uma resposta curta e definitiva? Como por exemplo, poder-se-ia ter escolhido o título: A poesia tem lugar no cotidiano profissional? Rendendo-se com um aberto, animado e, até mesmo, descompromissado “sim” ou com um impiedoso e fechado “não”, o fato é que o título do presente artigo impõe pergunta desafiadora: Qual é o lugar da poesia no cotidiano do assistente social?

Primeiro, torna-se aqui necessário expressar, o real significado posto intencionalmente no título, quanto ao uso a palavra “poesia”.

Trata-se da versão mais poética possível deste termo de seis letrinhas que se avalia merecer um lugar de centro nessa sala de aula chamada “cotidiano” e não a margem, aos cantos ou no famoso “fundão”, lugar dos esquecidos e oprimidos, os alunos que geralmente ficam segregados nas salas de carteiras enfileiradas dos depósitos escolares.

Mas, interrompa-se agora para um aviso importante antes de continuar este artigo: não será tarefa fácil a definição de um significado claro para o uso desta palavra tão potente de significações em uma reflexão de tão poucas páginas. No caso, será preciso muita imaginação criativa.

Assim, parte-se agora para um convite com este objetivo (o de movimentar nossa imaginação) mediante uma outra impiedosa interrogação: o que lhes vêm à mente quando ouvida ou lida a palavra poesia?

Faça-se inicialmente, a prática, por um tempo, de tentar-se associá-la as imaginações mais profundas que vem à mente. Realizar juntos é preciso pois trata-se de uma tarefa bastante difícil, logo de cara, remeter se as cenas do cotidiano profissional, seja ele de que

---

dados que reforçam a urgência de considerarmos a utilização da linguagem feminina em textos que se referem as profissionais desta profissão (CFESS, 2022).



campo for.

Deste modo, questiona-se: serão imagens de belos campos, palavras bonitas, flores, pessoas de belas e antigas vestes dos tempos dos trovadores, com lagos, barquinhos passeando em tardes ensolaradas contendo casais apaixonados debaixo de guarda-chuvas de bordas rendadas, o que está pintado no quadro que aparece à mente quando a imaginação se associa a palavra poesia?

Quiçá a imagem de uma caneta de pena pousada em folha de papel amarelado, desgastado do tempo ao lado de um candelabro, iluminação romântica usada em épocas medievais? Talvez até a silhueta de Camões, o dono de muitas de nossas referências, o grande criador da obra “Os Lusíadas”, pessoas que personificam o ato da poesia, palavra que geralmente se entende também a imagem do poeta. Pois bem, estas são as imagens que se pode inicialmente trazer nas memórias de forma mais comum, literal.

Mas, e se a imaginação agora partisse para cena de um quadro com a pintura do real cotidiano profissional da assistente social? Com pinceladas de aquarela contendo as cores do dia, numa sala de atendimento institucional, os corpos de famílias em convívio, pessoas de diversas faixas e seguimentos se comunicando, expressando suas frases com seus gestos, entonações, sons, sotaques. Alguns até com rimas, não é mesmo? Ouve-se, no dia a dia, vozes cantaroladas nos ambientes, inclusive.

É só pescar na memória, alguém de características marcadas, que se tenha de convivência no cotidiano, seja um parceiro de trabalho, seja alguém que está há tempos em acompanhamento social. De certo, logo aparecerá a mente, a figura de alguém, a caricatura de um personagem ou vários os quais nos afeiçoa-se e estranha-se, inclusive quando esta pessoa, por um acaso, não aparece para dar um “oi” na extensa e cansativa rotina da semana de trabalho. Estão acima, neste segundo ponto, as significações da palavra poesia as quais pretende-se associar neste artigo. São expressões que nascem das pessoas e dos ambientes em suas diversas “formas poéticas”. Alguns com gritos de protestos, histórias insuportavelmente tristes com frases duras de ouvir durante um atendimento de longos, intermináveis e, por vezes, angustiantes minutos.

E, no meio da contemplação deste quadro, fica a pergunta: Será que a poesia precisa de palavras, sejam elas escritas ou faladas? Ser exposta em versos, estrofes, belas imagens antigas ou somente se concretizar através de declamações?

Continuando a proposta de exercícios imaginários, passa-se agora a refletir sobre outros modos poéticos que aparecem nas cenas mais comuns da rotina profissional: os corpos e sua intensa importância na manifestação das expressões corporais dos seres conviventes. O sorriso das crianças, seus olhares curiosos aos objetos em cima das mesas de atendimento. Idosos em seus momentos emotivos de resgate de lembranças durante o contar de belas histórias guardadas lá no fundo do peito. E o olhar marejado de esperança e



alívio mediante a notícia do acesso a um direito daquela mulher, personificada na figura de uma mãe solo em sua luta pelo acesso a renda mínima, a casa própria ou algum outro benefício social?

Outras manifestações de lugar poético ocorrem a mente quando se parte para visualização das ações coletivas dos cotidianos das assistentes sociais. Percebe-se que são ricos momentos em que esta se utiliza do instrumento de trabalho denominado reunião junto a técnica de sua atuação. Nele, depara-se com pessoas que se agrupam, às vezes, em círculos democráticos os quais nunca puderam estar antes em vossos convívios familiares onde a sociedade impõe hierarquias corporais opressoras. E isto é de fato, algo libertador para muitas delas.

Seguindo na proposta do exercício de imaginação criativa, parte-se agora para um belo grupo, uma roda de conversa, de convivência para que se fortaleçam os vínculos entre estes seres. Percebe-se que as mentes imaginam, logo, pessoas que se manifestam de forma igualitária: ninguém a frente, ninguém atrás. Pode-se inclusive criar na mente, uma sala de aula e a intervenção de uma professora de serviço social a um grupo de estudantes. Por que não? É fato que esta profissional, não deixa de ser assistente social durante este ofício, portanto, é assistente social e, também, professora.

O fato é que, a ações coletivas, são um dos desafios mais belos e de importante significado no cotidiano desta profissional pois, trata-se do trabalho considerado de forte contribuição para efetivas mudanças sociais. Assim, a formação de rodas, a facilitação de processos de fala emancipados em espaços com propostas de cunho coletivo e com a participação igualitária dos presentes, nada têm de tarefa fácil.

Mas, atem-se na beleza da transformação que já se impõe nestes espaços. São círculos que se manifestam de diversas formas durante o trabalho, com seus risos coletivos, choros desenfreadamente agregadores, momentos emocionantes do partilhar de histórias, memórias, trocas de informações, experiências, decisões sobre a vida que se manifesta no território, são saberes coletivos e vivências tão ricas compartilhadas ali, no palco do cotidiano em que a assistente social é parte integrante de tais ricos momentos.

Percebe-se não ser mais preciso a descrição de cenas em que a poesia se torna concreta em nossos ambientes de trabalho. A emoção aflora na medida do desenrolar da própria leitura onde se é convidado a sair de onde se está e deixar a imaginação ir para os diversos ambientes de trabalho, logo que se recorda de alguma situação familiar.

Agora, aproveita-se a viagem criativa para propor um exercício inverso: o de voltar-se para composição literária da palavra e verificar que, nas primeiras descrições dos lagunhos e barcos, muito comuns inclusive quando se trata de exercitar o resgate de referências imaginativas ao termo “poesia”, visualiza-se situações abstratas, bastante distante de viveres concretos que se manifestam nos cotidianos das assistentes sociais.



Nestas primeiras imagens apresentadas, diferentes das segundas, geralmente, coloca-se ou aparece-se como “não parte” do quadro. Comumente, você quem está lendo este breve artigo atrevido a poético não se imagina dentro do barquinho a navegar no lago de águas límpidas no entardecer ensolarado de Veneza, mas, fora dele completamente. Desta forma, se coloca no rol de pessoas contemplativas de cena vividas por outros, tornando-se mero espectador da perfeição mundana em nossas mais belas imaginações e expectativas sobre essa palavra tão potente, a “poesia”, enquanto apenas a tradução de algo belo, mágico, por vezes trágico, e, até sagrados para alguns, ou, profano para outros. O fato é que se costuma colocar a poesia em um lugar intocável, disponível apenas aos de “dom” ou afortunados recebedores natos das famosas inspirações poéticas, o poeta.

Tudo isso se contrasta muito às segundas descrições e associações a palavra poesia onde procurou-se manifestar momentos de intenso cotidiano de trabalho e as poéticas expressões que nascem das relações sociais que as pessoas estabelecem enquanto sujeitas, umas na convivência real com as outras, seja das assistentes sociais com seus atendidos, seja nas relações que mantêm em seus espaços com os demais trabalhadores, com a comunidade em geral ou a equipe de trabalho.

Pois bem, passado os exercícios ilustrativos e imaginativos, é evidente que a palavra poesia aqui mencionada no título “O lugar da poesia no cotidiano da profissional assistente social”, se trata muito mais da forma, do seu “estado”, que é repleto de conteúdos e significados, para além da composição literária que lhe é imposta. No presente artigo, atem-se a poesia como algo que

...nos ajuda a conviver com nossa interioridade, não como forma de isolamento nem como repúdio à realidade de fora, mas como experiência decisiva, que conduz a sintonia com o mundo ao redor. Com sua ajuda, podemos aprender a *ver como se víssemos pela primeira vez* a fim de repor em circulação a imaginação e o mito, mas de tal modo que isso não nos leve a perder de vista a realidade pedestre ou terra firme onde nos situamos (Moises, 2019, p. 121).

Com esta citação do escritor e poeta Moises, finaliza-se o primeiro item deste artigo, trazendo uma abertura para o assunto proposto e a menção daquilo de que, de fato, não se pretende dizer quanto se traz a reflexão sobre o lugar ocupante da poesia no trabalho das assistentes sociais.

Estas, não serão convidadas a sentar-se em “pedras do pensamento”, como poetas soltas na natureza a expressar poemas no cotidiano de trabalho.

Mas, talvez, poderão ater-se a forma de manifestação desta arte para além do papel. Abrir seus olhos para as cores dos olhos de quem está a sua frente. Seus ouvidos a belos sons que trazem os seres com quem convivem para além da tarefa profissional de escutá-los e reproduzi-los em diários mortos ou na composição de secos relatórios técnicos.

E é este lugar (que se sabe não ser somente um, mas, vários os quais não é



pretensão expandir neste breve artigo) que será trazido no item a ser exposto antes de se concluir as reflexões que farão jus a intencional afirmação que gera o título do presente texto.

## **2 O MELHOR LUGAR ONDE “ELA” POSSA ESTAR, É NOS OLHOS DE QUEM VÃO VER, NOS OUVIDOS DE QUEM VÃO ESCUTAR**

Qual é o melhor lugar a ser ocupado por alguém, alguma coisa ou algo que não se manifeste no concreto como a poesia no formato que aqui defende-se? Veja-se que a cada passo deste artigo, amplia-se o rol de perguntas complexas e maior impõe-se o desafio das respostas.

Ousa-se aqui expressar que a poesia merece então, dentro do cotidiano profissional em seus diversos ambientes e nas mais variadas funções e papéis que a assistente social desenvolve, estar no seu interior, do lado de dentro do peito da própria profissional.

Nos pontos aqui expostos, afirmar-se-á que ela deve ocupar o lugar dos olhos, ouvidos e enfim, do próprio estado da profissional, a assistente social em seu cotidiano profissional.

Mas, antes de aprofundar-se em cada ponto, é necessário apontar que, de forma geral, a intenção deste item é trazer à tona, uma reflexão sobre o desenvolvimento, as possibilidades de expansão das habilidades das profissionais em seus espaços, em seus relacionamentos interpessoais, no seu afetar-se em sua prática cotidiana marcada pela dimensão técnico operativa.

Ao falar do olhar sensível e do escutar profundo da assistente social, através de lentes poéticas, trata-se de trazer à tona, o desafio que esta técnica possui enquanto sujeita a afetar-se pelo outro. Avalia-se sobre debater a forma como acolhemos os sofrimentos humanos porque são, minimamente, nossos e a maneira como diminuimos as barreiras existentes em nossas relações bem como a beleza de nos tornarmos enfim, sujeitas em conjunto no processo de emancipação e transformação societária.

### 2.1 “Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos seus resolvem se encontrar”

Vinícius de Moraes

Assim, parte-se agora para a colocação da poesia em um lugar muito especial que utilizamos em nossa rotina o qual denomina-se “olhar”. Sim, algo tão particularizado, individual e dotado de subjetividades, todas irão pensar ao ler isso.



Mas, defende-se aqui que os “olhos”, ou “o olhar” é um lugar que deveria estar diretamente tomado pela poesia pois esta é será um aporte que lhe trará a possibilidade inesgotável de um “olhar sempre ao novo”.

Percebe-se que, atualmente, estão demasiadamente cansadas as vistas das profissionais desta área. Estão, de fato, prejudicadas pelas inevitáveis imagens da crise social que lhes acompanha o cotidiano em seus diversos aspectos e manifestações mais duras. Então, pode-se dizer que, muitas vezes, o cotidiano profissional é marcado por uma sensação de olhos com visões minimamente embaçadas, embaralhadas. Enxerga-se, muitas vezes, visões inclusive, distorcidas pois, não é tarefa simples, nem ao menos fácil, o contato diário com as mazelas apresentadas no dia a dia.

A assistente social é uma profissional que está na linha de frente onde se manifestam as expressões da questão social marcadas pela imperante desigualdade entre as classes, o abominável racismo que oprime nossos povos em suas raças, sem citar as questões de gênero a que muitas profissionais tendem pressionar suas vistas a ficarem abertas a não incorrer na tentação de fechar seus olhos. Pois, nestes enfrentamentos, ela também é humana, não deixa de ocupar espaço no mundo de tais opressões e tristezas a que tem como objeto diário de seu próprio exercício profissional cotidiano.

Assim, percebe-se que, ao passar dos anos, no chão deste cotidiano massificado de dor, muitas parecem fechar ou manter o mesmo olhar diante de situações que visualizam como “comuns” nos espaços socioassistenciais. São muitos os olhares que naturalizam as situações e as colocam em um comum lugar. Trata-se de “vício ocular” de realizar “caixinhas” as quais são abertas quando olhamos para processos como a fome, a ausência de renda mínima, de acesso a educação, a saúde, a situações de violência intrafamiliar ou doméstica entre tantas outras formas e manifestações da questão social as quais são trazidas rotineiramente pelas pessoas de forma ampla em nosso cotidiano.

Usa-se a metáfora de “caixas” para se refletir sobre verdadeiros processos de encaixotamento dos montantes de pessoas ou famílias a que a profissional identifica em seu olhar, como tendo o mesmo perfil de demandas. E este é um dos exemplos, entre outras situações, em que o olhar se torna viciado e distorcido devido as pressões externas que se manifestam no chão do trabalho.

Está aí uma triste situação em que as “pressões” internas, aquelas sim, muito mais valiosas e importantes, no sentido de estarem sendo trazidas internamente por cada um que lhes procura em seus particulares casos, são, muitas vezes, negadas e descartadas em suas singularidades.

Acreditem: a poesia trata-se de um recurso. É como um colírio que se pode somar para ensinar enxergar além do que está posto no nosso cotidiano quando colocada no lugar de nossos olhos.



Mas, como? Deve-se indagar de pronto.

Uma das possíveis e inúmeras respostas pode ser: como algo que possa trazer uma forma de olhar sensível e aberto a tais unicidades do outro, processo de extrema valia para que se possa refletir, inclusive sobre os processos de enfrentamento das mazelas que o atingem em conjunto ao mesmo.

Em um debate que traça entre as práticas pedagógicas rotineiras e o uso da poesia, como item de intenso valor a ser reconhecido em seus poderosos papéis sociais, Moises aponta para a questão da seguinte forma:

...a poesia, que igualmente não é uma ciência, também ensina a ver, mas a ver o quê? Nada específico, nada adstrito a nenhum ramo do saber. A poesia, a bem dizer, não ensina a ver nada; ou então, o que daria no mesmo, ensina a ver tudo. O que a poesia ensina é apenas um *modo de ver* (Moises, 2019, p.18).

Tal modo de ver, como defende aqui o escritor e poeta, ensinado pela poesia, faz com que possa olhar-se para o algo visto, como se nunca o tivesse sido visto antes, inclusive com a possibilidade de ver a mesma coisa sempre com olhos de novidade.

Contudo, para isso, é preciso despir-se da ideia de “conhecer amplamente” pois a poesia também pede a negação do conhecimento no sentido de que é necessário estar aberto ao novo, desprovido do lugar do saber estático e se manter na perspectiva de um movimento que é constante:

Ver como se víssemos pela primeira vez” só faz sentido para além ou aquém das práticas pedagógicas de rotina, evidentemente, caso se aplique ao já visto, ou ao já conhecido, a fim de que este seja percebido *como se desconhecido fosse*. O modo de ver ensinado pela poesia pede a negação, ao menos provisória, do conhecimento enquanto resultado, a fim de privilegiar o próprio ato de conhecer, entendido como disponibilidade como ato a ser reencetado *ab ovo*, incansavelmente, a cada objeto (ou coisa ou ideia) com que nos deparamos. Se formos capazes de aprender a lição da poesia, não haverá mais objetos verdadeiramente conhecidos: todos serão novos e desconhecidos, a procura do seu lugar na árvore do saber (Moises, 2019, p. 23).

Portanto, a poesia é algo que auxilia a abrir os olhos para enxergar as pessoas e suas inúmeras potencialidades, forças, habilidades, possibilidades, não confundindo a demanda social apresentada com a pessoa e seu olhar, seu jeito, modos, personalidade, gênero, características e especificidades que a fazem única e possuidora uma história que é singular e que está materializada em sua frente, na sua rotina profissional.

Ela impulsiona a olhar para novos caminhos, ou, até mesmo a desviar de caminhos tortos, traçar novas rotas e alternativas como ensina a poesia de um grande mestre que, de tanta grandeza, possui em seu nome próprio, a riqueza de ser, simplesmente, uma mais pura e bela “pessoa”:

O meu olhar é nítido como um girassol.  
Tenho o costume de andar pelas estradas  
Olhando para a direita e para a esquerda,  
E de vez em quando olhando para trás...



E o que vejo a cada momento  
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
E eu sei dar por isso muito bem...  
Sei ter o pasmo essencial  
Que tem uma criança se, ao nascer,  
Reparasse que nascera deveras...  
Sinto-me nascido a cada momento  
Para a eterna novidade do Mundo... (Pessoa, 1958, p. 22).

Assim, a poesia acima, ocupante do lugar das mãos do poeta Fernando Pessoa, pode ampliar a visão para o uso da poesia para que nossos olhares se renovem para novas possibilidades de sistematização, encaminhamentos, enfrentamentos em conjunto das situações que surgem nos cotidianos de cada caso, auxiliando a concretização de novas saídas a depender das formas como tais situações nos manifestam através dos olhares únicos das pessoas.

## 2.2 “Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa”

Clarisse Lispector

Abre-se este item com uma das mais belas frases de muitas das passagens registradas no livro “Água Viva”, escrito por Clarisse Lispector, grande personalidade poética quando se trata do caminho de escrever sobre o que se manifesta oculto, interno, bem “escondidinho” do lado de dentro. Repete-se então em sua completude, este pequeno trecho para trazer à tona o assunto deste próximo item. Vejam que, em continuidade a frase acima, a autora nos revela, seu exato pedido, sua tenra necessidade quando pede para ser ouvida:

Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo ‘águas abundantes’ estou falando da força de corpos nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio. Ah, tenho medo de Deus e do meu silêncio (Lispector, 1998, p. 33).

Trata-se aqui de trazer algumas reflexões sobre um ouvir a ser desenvolvido pela assistente social onde a poesia possa servir de apoio ao escutar o que, geralmente, não se é dito.

Mas, como fazer isso?

Rubens Alves, é um autor que expressa de forma leve e poética, a necessidade a aprimoramento dessa escuta e propõe a realização de um novo curso que seria ministrado, inclusive, por ele mesmo. Antes da leitura da citação alongada, porém graciosa, pergunta-se: será que a assistente social deveria se matricular nesta nova proposta do curso proposto?



Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. Diz Alberto Caeiro que... Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Filosofia é um monte de ideias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia. Parafrazeio o Alberto Caeiro: Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma. Daí a dificuldade: A gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor... Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração... E precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade (Alves, 1999, p. 65).

Acima está expressa de uma forma bonita, a poesia do saber ouvir. Ao finalizar tal texto tão cheio de originalidade, o professor-poeta ainda arremata, explicando sobre a beleza contida nesse ato: “Daí a importância de saber ouvir os outros: A beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto” (Alves, 1999, p. 65). Ouvir sem avaliar, julgar, traduzir. Apenas ouvir os seres que perpassam, atravessam as longas jornadas de trabalho da assistente social, atendo-se ao significado que está, na maioria das vezes, muito além daquilo que se expressa em palavras, as pessoas. Ao colocar a poesia no interior dos ouvidos, ela ocupa o lugar deste órgão, por vezes, já viciado aos sons cotidianamente evocados e poderá trazer uma audição de profunda confiança onde a assistente social poderá facilitar processos de encontro de saídas, do ecoar de possibilidades e soluções a que as próprias pessoas poderão escutar, inclusive, de si mesmas, para muito além dos retornos da profissional. Pois, muitas são aquelas que não possuem alguém ou espaço para o manifestar suas dores, suas alegrias, suas angústias a não ser ali, nas salas de atendimento e nos demais espaços institucionais.

Assim, a poesia ensinará a ouvir seus corpos, coisa que, para muito além de emitir palavras, também falam, se expressam através de sons, barulhos, pequenos ruídos de prantos abafados, gargalhadas desenfreadas, risos desconcertados de alegrias, ou até mesmo, o profundo silêncio que também poderemos acolher em nossa poética capacidade de ouvir.

A Professora Laurinda Ramalho, educadora ímpar do programa de pós graduação em Educação “Formação do Formador” da Universidade Pontifícia de São Paulo é quem ensina sobre o “ouvir ativo” enquanto uma habilidade a ser desenvolvida nos relacionamentos interpessoais com foco na relação do professor em sala de aula e seus alunos, um debate muito rico e digno de ser trazido para as cenas do dia a dia das assistente sociais dentro das relações sociais que estabelecem em seu ambiente de trabalho:

Então, o ouvir ativo é captar o que está por trás da fala. É ouvir não só a fala, mas o que o corpo está revelando (porque o corpo também fala). É captar o que está



envolvido na mensagem, na fala, especialmente os sentimentos presentes naquela dada situação (Almeida, 2017, p. 35).

Em seus ensinamentos direcionados a instruir professores quanto aos acertos e desacertos que estes cometem quando estão em relacionamento, a educadora expressa uma lição de suma importância, a qual facilmente pode-se apropriar em nossa profissão de assistente social para o bom funcionamento dos ouvidos como corações abertos a quem nos chega para confiar suas histórias, suas necessidades mais íntimas.

Finalmente: o ouvir ativo não é uma mágica, algo que o professor tira do chapéu. É um método específico para colocar em prática um conjunto de atitudes com relação ao aluno, a seus problemas e a seu papel como facilitador. É uma habilidade a ser aprendida como muitas outras (Almeida, 2017, p. 36).

Portanto, avalia-se a poesia como algo que possa auxiliar neste aprendizado contínuo do ouvir atento. E, para isto, é preciso também assumir um estado poético que implica estar em permanente ocupação de nosso ouvir. Um estado de vigília, de sensibilidade de atentar-se ao belo, ou ao trágico, mas de forma a encher-se de empatia pelo próximo.

É o que também ensina Bilac, quando em seu soneto, provoca a sensação de saber-se, às vezes, ouvir estrelas. E, se por vezes, o ser humano abre-se para a possibilidade de ser capaz disso, e de, inclusive, conversar com elas, as estrelas (ou outros seres, sejam inanimados ou animados, como os lindos animaizinhos da natureza ou até os domésticos que se cria nos lares), fica a pergunta: por que não se manter neste estado enquanto se está sentado em uma mesa de atendimento?

'Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!' E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...  
E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pálido aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.  
Dizeis agora: 'Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?'  
E eu vos direi: 'Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas' (Bilac, 2002, p. 42).

Portanto, o maior dos aspectos a serem considerados quando trazida a ideia de guardar lugar para poesia no cotidiano profissional, dentro do próprio olhar ou ouvidos é habilidade de se manter neste "estado poético", neste estado do amar.

Ao discorrer sobre este "estado", que ocorre no entrelaçamento entre poesia, amor e sabedoria, o centenário filósofo Edgar Morin (2005, p. 9), amplia para tal conceito descrevendo este "como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor,



da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si, todas as expressões desse estado”.

E resumo a suas conclusões que também visam o reconhecimento da poesia para além das expressões literárias comumente associadas ao termo, Morin reforça:

O objetivo que permanece fundamental na poesia, é o de nos colocar em um estado segundo, ou mais precisamente, fazer com que este estado segundo converta-se em um estado primeiro. O fim da poesia é o de nos colocar em estado poético (Morin, 2005, p. 43).

E é com este “fim”, o fim da poesia, com seus vastos objetivos e serventias que se despede deste item para enfim dar espaço a conclusão do presente artigo.

### **3 CONCLUSÕES “ELETRIZANTES”<sup>3</sup>: A DESEDUCAÇÃO POÉTICA DO CÓDICO DE ÉTICA.**

É na conclusão do presente artigo que haverá de se desenrolar tal reflexão sobre o lugar da poesia neste rico espaço do dia a dia das assistentes sociais.

Pois, poesia, além de tudo é ação. Sim, este é mais um de seus significados quando procuramos a palavra nos dicionários. Poesia é ato, criação da mais pura e intensa. Mas, por aqui, não foi intenção ou objetivo aprofundar-se no que ela é, ou, inclusive, deixa de ser e sim, o lugar onde ela pode ocupar em seus vastos significados e, principalmente, para que ela serve no dia a dia. Então, segue a pergunta: o que ela vem a ter de concreta associação com o cotidiano desta profissão?

Já se refletiu, nos itens anteriores deste artigo, sobre dois lugares a qual esta palavrinha pode se instalar na perspectiva de auxiliar em umas das três dimensões do projeto ético político da profissão: a dimensão técnico operativa. Trata-se da dimensão a qual

---

<sup>3</sup> Refere-se o termo “eletrizante” à professora Doutora Maria Lúcia Martinelli, docente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC- SP. Se você teve o privilégio de ter sido, se é ou será aluna desta querida e amada professora mais conhecida como “Martinelli” (e carinhosamente apelidada por mim de “a fada brasileira do Serviço Social”) é muito possível que um dia, você ouça a sua famosa frase: “Que não nos falte a poesia do dia a dia!”. Pois, ela é comumente dita e ouvida por nós no cotidiano pela voz serena e já um pouco rouca desta grande profissional, que é escritora, professora, poeta, pesquisadora e que se tornou, ao longo de uma brilhante trajetória, uma das maiores autoras de referência aos estudos acadêmicos do Serviço Social do Brasil e de vários outros países. Ela coordena há mais de 40 anos o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade Profissional conhecido como NEPI. Trata-se de um espaço pedagógico interdisciplinar que contribui com a formação de pesquisadores em Serviço Social e áreas afins fomentando estudos e pesquisas em metodologias de natureza qualitativa que possibilitam a análise da realidade social a partir do trabalho com a fonte oral na sua interação com as demais fontes, inclusive de base quantitativa. Martinelli trata-se de uma docente que, recorrentemente, nos últimos anos tem dado ampla abertura à temática da arte enquanto mediação do fazer profissional cotidiano, presenteando-nos com doces momentos poéticos que fazem parte de seus ensinamentos. O Núcleo NEPI acontece presencialmente todas às quartas-feiras, das 16h às 19h na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.



irá trazer a forma, o jeito de se fazer, refazer, pensar e repensar métodos, teorias e caminhos os quais geram as ações concretas nas rotinas das profissionais, dimensão geradora da imagem que se cria aos espectadores do trabalho cotidiano desta.

Porém, outro aspecto que se percebe importante destacar antes de finalizar a presente reflexão é como a poesia se aproxima do primeiro e um dos mais importantes princípios, aquele que deve nortear as nossas ações de forma geral: a liberdade.

Sim, a liberta, livre, leve e solta “liberdade”, aquela que embeleza a lei maior que rege a profissão da assistente social, o código de ética profissional, como valor ético central na busca pela emancipação, autonomia e plena expansão dos indivíduos sociais que se trará à tona nestas considerações finais.

Este princípio possui extrema aproximação com o sentido da palavra poesia a qual está se abordando, portanto, neste artigo, ao passo que se está tentando fazer despertar ou fazer relações, de forma mais ampla, com o cotidiano da profissão e sua necessidade de expandir o ouvir e o olhar para se poder transformar, emancipar, portanto, libertar os sujeitos sociais.

Veja-se que poesia também tem a ver com liberdade, a tão defendida por estas profissionais do serviço social em suas manifestações, atos, lutas, protestos e em nossas posturas defensivas de um transformar societário no cotidiano. A característica de insubmissão, a deseducação proposta pelos atos poéticos bem como o princípio da liberdade e transformação da poesia é algo, inclusive, que sempre foi temido pelos ditadores das ordens e do desenvolvimento desenfreado do neoliberalismo desde os primórdios até os presentes tempos e isto, tudo tem a ver com os ideais que as assistentes sociais defendem no chão do dia a dia desta profissão.

Repete-se nesta conclusão, novamente, o que se ensina a poesia, caso tenha-se a abertura para lhe colocar em um “lugar ao sol” dentro do cotidiano profissional: ela desperta o olhar e os ouvidos para que se possa enxergar como se enxergar-se, pela primeira vez e ainda vai além, como explica Moises ao descrever sobre o espírito poético livre traduzido como um ato revolucionário e, inclusive, político:

A poesia nos ensina a subverter permanentemente o já visto, no enalço da renovação e do aperfeiçoamento ilimitado, em eterno confronto com o simulacro de ‘perfeição’ imposto pela ideia sectária e utilitarista de uma sociedade esvaziada de memória, consagrada ao consumo e a descartabilidade de todas as coisas (Moises, 2019, p. 42).

Está aí uma perspectiva histórica, dialética, bem como uma visão mais crítica do tema que envolve a poesia do cotidiano pois, a partir do momento que ela ensina a ver o novo de novo, ela vai no desencontro da estabilidade, imobilidade e da negação da própria história.

O estado poético impulsiona, portanto, a revolução, na medida em que se enche da



“poesia, tomada esta em sua essência, enquanto afirmação da História, enquanto aposta radical na mudança e na transformação incessantes” (Moises, 2019, p. 41).

Assim, enquanto se avançam as barbáries destes tempos, assoladas por crises de diversos aspectos onde a desumanização e o individualismo sufocam o mundo do cotidiano com suas expressões mais perversas, a poesia serve de apoio no enfrentar dos sofrimentos “e com a condição humana em seu mais alto nível: pensar, sentir, imaginar, sempre na contramão, hoje mais do que nunca...Poesia, continua a ser reino da liberdade, e liberdade quer dizer solidariedade, via de mão dupla” (Moises, 2019, p. 135).

Portanto, a poesia fortalecerá processos de acesso a esta deseducação libertária, essa aprendizagem do desaprender, a solidariedade revolucionária, processos tão urgentes a serem reforçados e aplicados no dia a dia pelas assistentes sociais em seus mais variados campos de atuação quando da convivência com o povo.

Ao abrir espaço para a poesia ter lugar em seu dia a dia, a assistente social poderá fortificar-se em suas atitudes de indignação e revolta, em seu espírito de rebeldia, de liberdade, tão importante de serem pactuados quando no abraçar do projeto societário que, mediante a este mundo desumano que a globalização impõe, está a cada dia mais oprimido, apagado.

É preciso somar forças e unir-se em uma autêntica postura poética e isso nada tem a ver com ser ou não poeta ou saber preencher papéis em branco com belas palavras e rimas com caneta de pena.

Isto tem a ver com o olhar e o ouvir ao outro que está à frente, de forma atenta, alerta, aberta para, portanto, também poder olhar a si mesmo enquanto ser revolucionário e único e, em um ato de revolução, somar, dar as mãos ao outro no sentido de fazer junto, lado a lado, em relação de igualdade com o mesmo.

Dar lugar a poesia em nosso dia a dia, é poder olhar para a assistente social enquanto gente, que no cotidiano, pode transformar palavras para além de seus significados literários e utilizar a arte da poesia para além de um enfeite, seja este materializado em poemas impressos, seja em belos quadros pendurados na parede contendo barquinhos e pessoas de chapéus rendados navegando amorosamente por Veneza.

#### 4 REREFÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. O coordenador pedagógico e as relações interpessoais no ambiente escolar: entre acertos e desacertos. *In*: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. (org.). **Coordenador pedagógico e a legitimidade de sua atuação**. São Paulo: Loyola, 2017.

ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1999.



BILAC, O. **Antologia**: poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. **Perfil de assistentes sociais no Brasil**: formação, condições de trabalho e exercício profissional. Brasília, DF: CFESS, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/2022Cfess-PerfilAssistentesSociais-Ebook.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISES, C. F. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Unesp, 2019.

MORAES, V. **Pelas Luz dos Olhos Teus**. Rio de Janeiro. RCA Gravadora, 1977. LP Miúcha & Antônio Carlos Jobim, 2h45 min.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2005.

PESSOA, F. **Poemas de Alberto Caieiro**. 3. ed. Lisboa: Ática, 1958.